

METÁFORA REGULAR E TRANSLINGUÍSTICA

Magdiel Medeiros Aragão Neto⁷

RESUMO: Este trabalho lida com metáforas conceituais, especificamente as que apresentam um caráter translínguístico, i.e., ocorrem em diferentes línguas. A fundamentação teórica que sustenta a pesquisa aqui apresentada são a teoria da metáfora conceitual, de George Lakoff e Mark Johnson (1980, 2002), e a teoria do léxico gerativo, de James Pustejovsky (1995). Os dados analisados foram coletados, via www.google.com, em três diferentes línguas: português, inglês e francês. A análise mostra que: 1) até metáforas translínguísticas podem ser semanticamente estruturadas e assim explicáveis por meio de regularidades lexicais; e 2) que a integração de teorias pode ser produtiva para prover explicações flexíveis sobre metáforas.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora regular. Metáfora translínguística. Léxico.

ABSTRACT: This work deals with conceptual metaphors, specifically those ones which present a translínguistic character, i.e., occur in different languages. The theoretical bases that support the research here presented are the theory of conceptual metaphor, by George Lakoff and Mark Johnson (1980, 2002), and the generative lexicon theory, by James Pustejovsky (1995). The data analysed were collected, via www.google.com, in three different languages: Portuguese, English and French. The analysis shows that: 1) even translínguistic metaphors can be semantically structured and thus explicable by means of lexical regularities; and 2) that the integration of theories can be productive to provide flexible explanations on metaphor.

KEYWORDS: Regular metaphor. Translínguistic metaphor. Lexicon.

Introdução

Se, por exemplo, uma criança em fase de aquisição da linguagem ou um não nativo do português nos perguntasse “O que significa *generoso* e *honesto*?”, provavelmente diríamos que são qualidades que muitas pessoas têm ou que são qualidades/propriedades específicas dos seres humanos. Poderíamos até exemplificar com (01) e (02) abaixo.

(01) Este é um homem generoso.

(02) Esta é uma mulher honesta.

Mas qual seria nossa resposta se o nosso interlocutor retrucasse com os exemplos em (03) e (04)?

(03) Este é um texto generoso.

(04) Esta é um refeição honesta.

⁷ Docente da UFPB – Universidade Federal da Paraíba. Contato: magdiel_man@yahoo.com.br.

Provavelmente diríamos tratar-se de usos metafóricos de *generoso* e *honesto*. Se, de quebra, nosso interlocutor fosse falante nativo de inglês ou francês poderíamos até mesmo traduzir (03) – (04) para (05) – (06) e (07) – (08) respectivamente.

(05) This is a generous text.

(06) This is an honest meal.

(07) C'est un texte généreux.

(08) C'est un repas honnête.

Com as traduções acima, validariamos não só que algumas propriedades de seres animados/humanos podem também, através de um uso metafórico, ser empregadas a entidades inanimadas, mas também que algumas metáforas se mantêm consistentes em mais de uma língua, ou seja, que algumas metáforas são translinguísticas.

No entanto, e se nosso interlocutor-questionador fosse uma criança nativa apenas do português ainda em fase de aquisição de tal língua? Poderíamos certamente responder-lhe que (03) e (04) tratam de usos metafóricos, ou casos de metáforas. Mas como poderíamos dizer o que é uma metáfora e como, ou por que, afinal de contas, *generoso* pode se combinar com *texto* e *honesto* com *refeição* se tais adjetivos dizem respeito a propriedades de seres humanos? Essas respostas obviamente não seriam simples de serem elaboradas e não fazem parte deste trabalho, mas as nossas intuições por trás delas são, de alguma forma, similares às apresentadas por George Lakoff & Mark Johnson (1980, 2002), a respeito da metáfora, e às de James Pustejovsky (1995), a respeito de semântica lexical.

Diante do exposto, neste trabalho mostramos que em alguns casos a metáfora, especificamente aquela em que entidades inanimadas recebem adjetivação característica de seres animados – *texto generoso/generous text/texte généreux* e *mercado financeiro nervoso/stressed financial market/mérchand financer nerveux*, por exemplo: 1) é translinguística; e 2) devido a sua regularidade, pode ser explicada a partir de uma interface entre a teoria da metáfora conceptual e a *teoria do léxico gerativo*. Feita tal assunção, passemos, na seção que se segue, a uma síntese do trabalho dos autores citados. Na penúltima seção, considerando as abordagens teóricas apresentadas, vejamos uma análise possível de casos em que propriedades próprias de seres animados podem ser aplicadas a entidades inanimadas.

Fundamentação teórica

A Metáfora

Desde o início dos estudos retóricos e linguísticos, a metáfora é, muitas vezes, tida como um mero ornamento discursivo. Contudo, George Lakoff & Mark Johnson (1980, 2002) afirmam que, na verdade, a metáfora faz parte do processo cognitivo humano, e se utilizamos metáforas em nosso dia-a-dia é porque pensamos e concebemos o mundo através de metáforas. Ou seja, ela é algo interno ao próprio funcionamento do cérebro/mente do ser humano.

Lakoff & Johnson (2002, p. 48) assumem que a metáfora é conceptual e não apenas linguística, porque “[...] *os processos do pensamento* são em grande parte metafóricos [...]” (itálicos dos autores). Assumem também que “[...] *A essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra* [...]” (Lakoff & Johnson, 2002, p. 47–48, grifos dos autores) e que a metáfora, em seu trabalho, deve ser compreendida como conceito metafórico, que é sistemático, ou seja, regular. O conceito metafórico, ao seu turno, é um conceito construído a partir da nossa experiência com outros conceitos. Nas sentenças (09) e (10), por exemplo, percebe-se facilmente o conceito metafórico/metáfora TEMPO É DINHEIRO. Esse conceito é metafórico justamente porque associamos ao tempo propriedades/relações próprias ao dinheiro. Por exemplo: 1) assim como o dinheiro, o tempo pode ser poupado e guardado em bancos, a exemplo (09); e b) assim como o dinheiro, o tempo pode ser emprestado, a exemplo de (10).

(09) Tenho saldo positivo no banco de horas da empresa.

(10) Emprestei trinta minutos para a professora de literatura.

Lakoff e Johnson (2002) sustentam que ainda que a metáfora seja o resultado de associações conceituais, elas podem variar de uma cultura para outra(s), ou existirem em uma cultura mas não em outra(s). Essa variação depende de como as culturas experienciam o mundo cotidianamente. Os autores identificam três tipos básicos de metáforas: estruturais, orientacionais e ontológicas.

As metáforas estruturais são aquelas que estruturam um conceito a partir de outro(s). Desse tipo é DISCUSSÃO É GUERRA. Nessa metáfora observa-se que o conceito de *discussão* é compreendido a partir do conceito de *guerra*. O usuário da metáfora define *discussão* através das características que ele acha que tal evento tem a ver com o evento guerra. Ele

provavelmente concebe *discussão* como algo no qual há um vencedor, um perdedor, um objetivo, armas etc. Toma como base elementos intrínsecos a uma guerra, mas também presentes em uma discussão; define/estrutura, assim, um conceito a partir do outro.

Metáforas orientacionais são aquelas nas quais se organiza um sistema conceptual em termos de outro(s). Nesse grupo se enquadram as metáforas que se fundamentam em oposições binárias de orientação espacial tais como: *dentro–fora*, *para cima–para baixo* etc. A partir da metáfora FELIZ É PARA CIMA tem-se uma orientação que pode produzir expressões tais como (11) abaixo.

(11) Ela está para cima porque casou-se.

As metáforas orientacionais, como se pode observar, são construídas com fundamentação em nossas experiências físicas e culturais. Isso explica que a expressão metafórica em (11) é fundamentada em nossa experiência física de que quando estamos felizes nossa postura posiciona-se de forma ereta (para cima) e, quando estamos tristes, nossa postura automaticamente tende a curvar-se (para baixo).

Ao seu turno, as metáforas ontológicas são aquelas resultantes das experiências que vivenciamos com objetos físicos, sendo o nosso corpo o principal desses objetos. Tais experiências físicas nos possibilitam atribuir a eventos, atividades, emoções etc. o caráter de substâncias e entidades (cf. Lakoff e Johnson, 2002, p. 76). Em O CULTO AO CORPO É UMA ENTIDADE temos uma metáfora que concebe a atividade *culto ao corpo* como sendo uma entidade; isso propicia o uso de sentenças tais como (12) abaixo.

(12) Resistamos o culto ao corpo antes que deixem de existir mentes cultas.

Dentre as metáforas ontológicas, encontra-se o que Lakoff & Johnson (1980, 2002) chamam de personificação. Segundo os autores, a personificação é o reconhecimento de objetos físicos como sendo pessoas, permitindo conceber entidades não humanas como sendo portadoras de características e atividades humanas. A metáfora O AMOR É UMA PESSOA permite-nos usar expressões como (13).

(13) O amor roubou-lhe a paz.

Para construir (13) atribui-se a *amor*, entidade não humana, uma atividade exclusivamente humana: *roubar*. Esse processo é, então, chamado personificação.

Vale, por fim, atentarmos para a diferença entre metáfora e metonímia, uma vez que ambas, às vezes, podem ser confundidas entre si. A metáfora, como já dito, é o processo de compreensão de uma entidade em termos de outra; a metonímia, por sua vez, é um processo referencial que objetiva o entendimento através da representação de uma entidade por outra entidade com qual mantenha alguma relação de contiguidade. O exemplo (14).

(14) Amor é paz.

constitui-se uma metáfora porque amor é compreendido a partir do conceito de paz. Já em (15)

(15) Ela só usa bombril.

há uma metonímia porque Bombril, o fabricante, é usado para representar o seu produto, ou seja, é um processo de referenciação entre entidades que mantém relação de contiguidade e não de compreensão. Assim, diz-se que a metonímia comporta, de forma direta, associações físicas e causais.

Passemos, agora, à teoria do *Léxico Gerativo*, que pode ser entendida como um estudo da metonímia regular, porém principalmente deve ser entendida como um estudo da polissemia lógica, também dita polissemia regular.

O Léxico Gerativo

Tomando a língua como fracamente polimórfica, James Pustejovsky (1995) mostra que pode ser possível a organização sistemática de informação lexical dentro de um Léxico Gerativo (LG). O objetivo do autor é prover uma descrição formal de língua que seja expressiva e flexível o suficiente para apreender a natureza gerativa da criatividade lexical e extensão de sentido. Para isso, Pustejovsky concebe o léxico gerativo como um sistema semântico de perspectiva lógica que envolve quatro níveis de representação e três tipos de mecanismos gerativos. Contudo, neste artigo, apenas abordarei de forma mais detalhada a estrutura de qualia e a ligação seletiva, pois é a partir deles que poderemos realizar a análise da hipótese aqui levantada.

Quanto aos níveis de representação, Pustejovsky (1995) propõe quatro estruturas: de argumentos, de eventos, de qualia e de herança lexical. A estrutura de argumentos de uma palavra é uma especificação mínima de sua semântica lexical. Isoladamente, ela não apreende a caracterização semântica da palavra, mas faz-se necessária para tal. A estrutura de eventos visa à organização de um conjunto de eventos no que tange à ordenação temporal de seus subeventos e designação de qual deles será considerado o principal em relação ao evento matriz. Já a estrutura de herança lexical diz respeito a como estruturas lexicais podem organizar-se com outras estruturas em uma grade de tipo e assim ajudar na organização geral do léxico.

No que tange à estrutura de qualia, Pustejovsky foi buscar em Aristóteles, via Julius M. Moravcsik (1975), o conjunto de qualia que indica formas de explicação dos referentes. Esse conjunto é formado por quatro qualia que visam a guiar o processo de entendimento a respeito de um objeto ou uma relação no mundo, dando-nos, por consequência, um modo de especificar a denotação de tal objeto ou relação. O quale é um modo de ver ou representar um conceito, ou seja, um modelo de explicação. Assim, a estrutura de qualia é uma forma de representação que especifica as possibilidades relacionais de um item lexical. O *Léxico Gerativo* analisa os itens lexicais como relacionados a um certo estado, ainda que haja diferença de categorias ou de classes na maneira pela qual essa propriedade é expressa funcionalmente.

O quale constitutivo estabelece a relação entre um objeto e suas partes constituintes ou próprias a partir das propriedades de material, peso, partes e elementos componentes. Também informa de que classe um item é parte, caso haja tal relação, ou seja, ele informa tanto uma relação de hiperonímia quanto de meronímia, como mostra (16) abaixo.

$$(16) \left[\begin{array}{l} \text{pé} \\ \text{ARGSTR} = [\text{ARG1} = x : \text{membro}] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{FORMAL} = x \\ \text{CONST} = \text{parte_de}(x, y : \text{corpo}) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

O quale formal faz a distinção de determinado item dentro de um domínio maior levando em consideração sua orientação, magnitude, forma, dimensão, cor e posição. Há, no entanto, dois tipos de itens lexicais associados ao quale formal: o simples e o pontuado/complexo. Do tipo simples é um item cujo valor do papel formal é idêntico ao próprio tipo do argumento, como mostra (17) abaixo. Do tipo pontuado é um item cujo valor

do papel formal interpreta a relação entre argumentos de tipos diferentes, como mostra (18) abaixo.

$$(17) \left[\begin{array}{l} \alpha \\ \text{ARGSTR} = [\text{ARG1} = x : t] \\ \text{QUALIA} = [\text{FORMAL} = x] \end{array} \right]$$

$$(18) \left[\begin{array}{l} \alpha \\ \text{ARGSTR} = \left[\begin{array}{l} \text{ARG1} = x : \tau_1 \\ \text{ARG2} = y : \tau_2 \end{array} \right] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \tau_1 . \tau_2 \text{ lcp} \\ \text{FORMAL} = P(x, y) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

As relações explicitadas no quale formal determinam como os tipos relacionados devem ser coagidos para que não criem tipos pontuados não analisáveis na língua. Nomes implicitamente relacionais (*porta, janela, livro, jornal*) e nomes que alternam entre processo e resultado (*destruição, exame*) são casos clássicos de polissemia lógica. Nesses casos codifica-se a polissemia diretamente no tipo do objeto: para um determinado nome denotativo de um tipo pontuado o quale formal define a relação entre os argumentos, ou seja, o tipo do nominal global é o tipo pontuado $(t_1.t_2)$, conforme consta em (18) acima, onde P indica um predicado, nesse caso, ‘contém’.

O quale agentivo determina os fatores envolvidos na origem ou causa de um objeto partindo de considerações sobre criador, artefato, tipo natural e cadeia causal. Esse quale facilita a diferenciação entre tipos naturais e artefatos, bem como a distinção entre objetos e eventos. Assim, quando o item lexical em questão é um nome, o agentivo é tomado como um predicado de evento e o objeto que está sendo definido é restringido pelo segundo argumento da relação, conforme a representação semântica de artefatos, apresentada em (19) abaixo.

$$(19) \left[\begin{array}{l} \alpha \\ \text{ARGSTR} = [\text{ARG1} = x : \tau] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{FORMAL} = x \\ \text{AGENTIVE} = R(e, y, x) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

Por fim, o quale télico explicita a finalidade e função de um objeto a partir de considerações sobre o propósito de um agente ao realizar um ato, e a função interna ou

objetivo que descreve certas atividades. Similarmente aos demais qualia, o tético pode não estar presente na representação semântica de um determinado item lexical. Ainda assim, há duas formas de tético: o direto e o indireto.

O tético direto especifica uma ação direta, é o caso, por exemplo, do nome *pizza*, em que a referência à atividade de *comer* incorpora uma variável para o nome, na qualidade de objeto do predicado *comer*, visando à atividade determinada pelo papel tético, conforme em (20).

$$(20) \left[\begin{array}{l} \text{pizza} \\ \text{ARGSTR} = [\text{ARG1} = x : \text{alimento}] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{FORMAL} = x \\ \text{TELIC} = \text{comer}(e, y, x) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

O tético proposital tem como fim a facilitação de uma atividade em particular. Podem-se tomar como exemplo objetos que são usados na performance de uma atividade. Sua representação é idêntica a do tético direto, conforme em (21).

$$(21) \left[\begin{array}{l} \text{abridor} \\ \text{ARGSTR} = [\text{ARG1} = x : \text{ferramenta}] \\ \text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{FORMAL} = x \\ \text{TELIC} = \text{abrir}(e, x, y) \end{array} \right] \end{array} \right]$$

É interessante ressaltar que a estrutura de qualia não deve ser considerada como sendo simplesmente uma lista de dados interessantes sobre um item lexical, mas sim como um conjunto de propriedades ou eventos que, por comportar tipos bem formados e estruturas relacionais, leva a uma explicação mais clara de tal item, possibilitando realizar operações tanto de mudança de tipo como de reconstrução semântica dentro da perspectiva de uma língua natural polimórfica. Isso equivale a dizer que seu objetivo é abarcar o significado de uma palavra e explicitar como ela se relaciona com o uso da língua, daí tal estrutura de fato ter relevo para a explicação do uso da criatividade linguística contextual, não como uma estrutura isolada, mas em conjunto com os mecanismos gerativos.

Em relação aos mecanismos gerativos, Pustejovsky propõe três: a coerção de tipo, a cocomposicionalidade e a ligação seletiva. A coerção de tipo é um mecanismo que autoriza a mudança de tipo, e por extensão, de denotação de nomes e expressões de acordo com o

contexto a que pertençam. A cocomposicionalidade, por sua vez, é um mecanismo gerativo em que os itens lexicais componentes de um determinado sintagma influenciam-se mutuamente e um complemento pode adicionar um sentido ao seu núcleo. A ligação seletiva, por sua vez, rege a relação semântica que um modificador tem com o seu núcleo, ou seja, ela trata do problema da polissemia adjetival, uma vez que os adjetivos são interpretados a partir da semântica do núcleo. Ao analisar-se os exemplos (22) – (25) abaixo

- (22) um passeio rápido
- (23) um motorista rápido
- (24) um digitador rápido
- (25) um computador rápido

chega-se a duas constatações: a) adjetivos do tipo de *rápido* são polissêmicos pois se aplicam tanto a indivíduos quanto a eventos; e b) é a semântica do núcleo que vai especificar a interpretação contextual de tais adjetivos.

A primeira constatação está claramente exemplificada com (22) em oposição a (23) – (25): (22) trata-se de uma adjetivação sobre um evento e (23) – (25) de uma adjetivação sobre indivíduos. Já para a segunda constatação a teoria diz que a interpretação do adjetivo vai ser selecionada por um algum dos qualia do núcleo, ou seja, pelo mecanismo de ligação seletiva. Para os exemplos (22) – (25), esse mecanismo vai buscar a interpretação de *rápido* no quale télico dos núcleos. Assim, *um passeio rápido* é um passeio que se realiza rapidamente, *um motorista rápido* é um motorista que dirige rapidamente, *um digitador rápido* é um digitador que digita rapidamente e *um computador rápido* é um computador que processa informações rapidamente.

A ligação seletiva trata o adjetivo como uma função e atribui-lhe o quale pertinente do núcleo com que ele se compõe. Isso permite cobrir os sentidos contextuais de adjetivos avaliativos que predicam sobre eventos. *Bom* é um desses adjetivos, como pode se verificado nos exemplos (26) e (27) abaixo.

- (26) uma vassoura boa
- (27) um bom rosto

Em (26) o adjetivo vai buscar sua interpretação apropriada no evento apresentado pelo quale télico de *vassoura*. Assim, *uma vassoura boa* é uma vassoura que varre bem. No

entanto, em (27) o adjetivo vai buscar sua interpretação no quale formal e *um bom rosto é um rosto bonito*.

A ligação seletiva é, por assim dizer, o procedimento que especifica o sentido de um adjetivo polissêmico a partir de um quale do núcleo a que tal adjetivo esteja ligado.

Análise

Esta análise consiste em mostrar que alguns exemplos de metáforas, nos quais uma entidade inanimada é adjetivada com uma característica de seres animados, podem ser explicados pela interface entre os trabalhos de Lakoff & Johnson (1980, 2002) e James Pustejovsky (1995). Noutros termos, busco demonstrar que tal tipo de metáfora pode ser explicado por meio da polissemia lógica, pois essa metáfora compõe-se de itens que interagem entre si através da estrutura de qualia e do mecanismo de ligação seletiva. Para tal, tomamos para análise alguns dos exemplos coletados no www.google.com.

Qualquer nativo do português e do inglês ao se deparar, respectivamente com (28) e (29) abaixo, pode observar que *mercado financeiro/financial market* – uma entidade inanimada – e *estressado/stressed* – uma característica de seres animados – compõem uma unidade de sentido completamente compreensível e isenta de estranheza.

(28) [...] Ele lembrou que só anteontem, com o *mercado financeiro estressado*, os preços do café e do açúcar chegaram a cair 10% [...]8

(29) [...] particularly in today's *stressed financial market* [...]9

Em termos técnicos, no quadro teórico aqui utilizado, a explicação a que se chega é que a boa formação de (28) e (29) ocorre porque ainda que *mercado financeiro/financial market* e *estressado/stressed* pertençam a domínios conceptuais diferentes, *mercado financeiro* é, via mecanismo de ligação seletiva, interpretado meronimicamente como seu quale constitutivo PESSOAS e passa, assim, a ser compreendido não só como uma entidade abstrata – instituição financeira –, mas também como as pessoas que nela trabalham. Essa compreensão é resultante do conhecimento intuitivo, que Pustejovsky (1995) formaliza no

⁸ Disponível em: <http://209.85.173.132/search?q=cache:K3_tCbGwYN8J:www.abrac.com.br/online/noticia.asp%3Fid%3D54042%26dt%3D20080320%26m%3D1%26yano%3D2008%26ymes%3D03+%22mercado+financeiro+estressado%22&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Último acesso em: 05 abr. 2009.

⁹ Exemplo extraído de <http://www.psc.state.wv.us/press/2008/press_20081110.pdf>. Último acesso em: 05 abr. 2009.

paradigma léxico-conceitual como um tipo pontuado: tipo logicamente polissêmico no qual um dos significados não consegue se dissociar totalmente do(s) outros(s).

Percebe-se, então, que em princípio *estressado/stressed* não se poderia compor com *mercado financeiro/financial market*, mas a ligação seletiva vai buscar a interpretação semântica mais adequada para o núcleo semântico – *mercado financeiro/financial market* – no qual constitutivo, possibilitando interpretar que o mercado financeiro está estressado porque as pessoas que o compõem estão estressadas. Assim, o que em princípio temos é um conceito – *estressado* – aplicado a um domínio distinto do esperado. Observemos que ainda que possa existir uma relação de contiguidade entre a o mercado financeiro e as pessoas que o compõem, não há uma relação de metonímia, pois, seguindo a perspectiva de Lakoff & Johnson (2002), não seria conveniente analisar-se *mercado estressado* como um caso de metonímia devido à relação parte pelo todo. A inconveniência consiste no fato de a metonímia ter “[...] principalmente uma função referencial, isto é, permite-nos usar uma entidade para *representar* outra [...]” (p. 93, itálico dos autores), e, como se pode observar em (28) e (29), não se está dizendo que as pessoas que compõem o mercado financeiro estão estressadas, pode ser que não estejam, nada sabemos sobre elas a não ser que fazem parte do significado do *mercado financeiro*.

Poder-se-ia ainda, a fim de simplificar a análise da metáfora presente em *mercado estressado*, considerar que o processo que, em (28) e (29), atribui à instituição *mercado financeiro/financial market* uma propriedade de seres animados é a personificação, subtipo de metáfora ontológica como vimos na fundamentação teórica. Essa, porém, não parece ser uma consideração consistente pois nos exemplos (28) e (29) *mercado financeiro/financial market* não é entendido como um ser humano, se assim o fosse a entidade em questão teria seu tipo semântico alterado, como argumenta Moura (2002) sobre exemplo similar.

Outro exemplo bem comum de metáfora em que uma entidade inanimada recebe a adjetivação de uma entidade animada é a expressão *computador maluco/crazy computer/fou ordinatrur*, como mostram (30) – (32) abaixo.

- (30) [...] eles vem com arquivos e quando executado ou deixado por muito tempo no computador deixa seu *computador maluco* (ou no meu caso que aconteceu foi que ele nao executava nada) [...] ¹⁰

¹⁰ Exemplo extraído de < http://209.85.173.132/search?q=cache:_gD_JeW1Sz0J:www.webcheats.com.br/forum/grand-chase-pirata/63607-protacao-nunca-e-demias-dicas.html+%22computador+maluco%22&cd=23&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br >. Último acesso em: 05 abr. 2009.

- (31) [...] This sounds to me like *a crazy computer* that no longer knows what it's supposed to be doing [...]¹¹
- (32) [...] j'utilise l'*ordinateur fou* et aujourd'hui j'ai réussi à me connecter [...]¹²

Observamos que em (30)–(32) *computador/computer/ordinateur* e *maluco/crazy/fou* são itens lexicais incompatíveis literalmente entre si. Justamente por serem incompatíveis, mas metaforicamente resultarem em sentenças bem formadas, a ligação seletiva vai buscar no quale tético de *computador/computer/ordinateur* a função *processar informações*, assim, “we interpret the psychological property as a way of verbalizing the function performed by the artifact (MOURA, 2002, p. 06)”¹³. Nesses casos está-se usando uma propriedade específica de um campo conceptual para outro campo. Não se tem em (30)–(32) um processo de personificação no qual *computador* é entendido com um ser animado, mas um processo de ligação seletiva que vai, a partir do quale tético, possibilitar a *maluco* predicar sobre a função/finalidade de *computador*. Dessa forma, *computador maluco/crazy computer/ordinateur fou* é entendido como “computador que processa informações de forma maluca” e a metáfora que se faz presente em (30)–(32) é PROCESSAR É UMA PESSOA, daí então uma adjetivação própria de conceitos animados poder possibilitar a compreensão de sua combinação com conceitos inanimados.

O mesmo quale acessado para a interpretação de *computador maluco/crazy computer/ordinateur fou* é também acessado para, por exemplo, *carro temperamental/temperamental car/voiture de temperament* e *camiseta gay/gay t-shirt/tee shirt gay*. Nos três casos, a ligação seletiva vai buscar no quale tético do núcleo o tipo semântico que permite uma entidade inanimada ser adjetivada com características pertencentes a seres animados para assim resultarem em sentenças bem formadas. Desse modo, as metáforas reconhecidas são: a) DIRIGIR/FUNCIÓNAR É UMA PESSOA, para *carro temperamental/temperamental car/voiture de temperament*; e b) VESTIR É UMA PESSOA, para *camiseta gay/gay t-shirt/tee shirt gay*. Essas três últimas metáforas podem levar a uma hipótese muito interessante que, no entanto, precisa ainda ser investigada: o quale tético é personificado quando a ligação seletiva a ele recorre. Em todo o caso fato é que se o adjetivo

¹¹ Exemplo extraído de < <http://discussions.apple.com/thread.jspa?threadID=1255571>>. Último acesso em: 05 abr. 2009.

¹² Exemplo extraído de < <http://209.85.173.132/search?q=cache:gLwpGr-XbaEJ:dr-house.xooit.tv/t1097-Ordifou.htm+%22ordinateur+fou%22&cd=21&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Último acesso em: 05 abr. 2009.

¹³ nós interpretamos a propriedade psicológica como uma forma de verbalizar a função exercida pelo artefato.

encontra na estrutura de qualia do substantivo uma “pessoa”, ainda que existente por um processo de personificação, então a adjetivação própria de seres animados pode atuar sobre seres inanimados de forma bem sucedida.

A ligação seletiva, que atua quando uma adjetivação própria de seres animados é aplicada a seres inanimados, é tão natural que, por exemplo, para a habitual expressão *cabelos rebeldes*, tal mecanismo vai buscar no quale formal de *cabelo* o tipo que permite este item lexical ser adjetivado por *rebelde*. Por esse processo, cabelos rebeldes são interpretados como aqueles cuja forma não atende ao desejo de seu dono. Assim sendo, podemos assumir que *cabelos rebeldes* não se trata de um processo de personificação tal qual o apresentado por Lakoff & Johnson (1980, 2002), pois, devido à constante associação dos cabelos com seu dono, os cabelos não são compreendidos como uma entidade animada por si.

Considerando a interpretação de *cabelos rebeldes*, a fabricante de produtos de beleza L’Oreal nomeou uma linha de beleza como o shampoo, o condicionador e o creme disciplinadores Liss Intense. Ao interpretarmos *shampoo disciplinador* automaticamente buscamos no quale télico de *shampoo* o tipo semântico que possibilita sua combinação com *disciplinador*, assim interpretamos o sintagma *shampoo disciplinador* como shampoo que serve para disciplinar. No entanto, o mais curioso é que a expressão *shampoo disciplinador*, além de se valer do quale télico e da ligação seletiva, recupera ainda a sua antecessora *cabelos rebeldes*. Dessa forma, quem conhece a expressão *cabelos rebeldes*, ao se deparar com *shampoo disciplinador*, automaticamente saberá qual a finalidade do produto: um shampoo que serve para disciplinar cabelos rebeldes. Contudo, mesmo quem possivelmente não conheça *cabelos rebeldes* ainda assim será capaz de interpretar *shampoo disciplinador* corretamente.

A exemplo dos qualia constitutivo, télico e formal, o quale agentivo também pode ser acessado pelo mecanismo de ligação seletiva para o tipo de metáfora em questão, como ocorre nas expressões *discurso ingênuo/naive discourse/naïf discours*, *livro corajoso/courageous book/livre courageux*, *texto generoso/generous text/texte génèreux*, *beijo pensativo/thoughtfull kiss/baiser pensif*, *refeição honesta/honest meal/repas honnête*. É justamente o acesso ao quale agentivo que nos autoriza a interpretar: a) *discurso ingênuo/naive discourse/naïf discours* como um discurso escrito ingenuamente; b) *livro corajoso/courageous book/livre courageux* como um livro escrito sob um posicionamento corajoso; c) *texto generoso/generous text/texte génèreux* como um texto escrito por alguém em estado textual generoso (em termos de exemplificação e/ou clareza textual); d) *beijo pensativo/thoughtfull kiss/baiser pensif*, como um beijo dado por alguém pensativo em tal

momento; e e) *refeição honesta/honest meal/repas honnête* como uma refeição vendida por alguém honesto (que não quer ser desonesto com seu cliente, nem em má qualidade nem em preço elevado).

Existem porém algumas outras expressões em que se encontra ambiguidade de interpretação, o que implica a ligação seletiva poder recorrer a qualia distintos, gerando para cada quale interpretações distintas, concomitantes ou não. Este é o caso das expressões *revista inteligente/intelligent magazine/magazin intelligent*, *canção sentimental/sentimental song/chanson sentimentale*, *comercial sarcástico/sarcastic advertisement/annonce sarcastique*. Assim, pode-se interpretar: a) *revista inteligente/intelligent magazine/magazin intelligent* via quale agentivo – escrever: uma revista escrita por gente inteligente – e/ou via quale télico – ler: uma revista destinada a ser lida por gente inteligente; b) *canção sentimental/sentimental song/chanson sentimentale* via quale agentivo – compor: uma canção composta por alguém sentimental – e/ou via quale télico – ouvir: uma canção destinada a ser ouvida por gente sentimental; e c) *comercial sarcástico/sarcastic advertisement/annonce sarcastique* via quale agentivo – produzir: uma comercial produzido por gente sarcástica – e/ou via quale télico – ver: um comercial destinado a ser visto por gente sarcástica.

Como nem tudo são flores, há casos bastante difíceis de se analisar como, por exemplo, *banheiro triste/sad bathroom/salle de bains triste*. A qual quale o mecanismo de ligação seletiva recorre nesse caso? A mais de um? Se sim, em conjunto ou isoladamente? No exemplo em questão a ligação seletiva parece recorrer a mais de um quale, mas ao contrário do que ocorre em *revista inteligente/intelligent magazine/magazin intelligent*, esse acesso parece ter de ser não concomitante, e mais: parece ser sucessivo “temporalmente”. Se essa hipótese for adequada então interpretamos *banheiro triste/sad bathroom/salle de bains triste* em duas etapas: a) primeiramente pelo acesso ao quale constitutivo que há pelo menos alguma coisa que constitui o banheiro e essa coisa é triste; e b) em segundo lugar reconhecendo que por essa coisa ser inanimada e não pode ser triste *per se*, acessamos então algum quale télico e interpretamos que esse objeto, seja qual for a sua função, causa alguma forma de tristeza no usuário do banheiro.

Por fim, voltemos nossa atenção para o fato de que, mesmo algumas metáforas sendo translinguísticas, elas podem adquirir interpretações diferentes por serem regulares em algumas línguas mas não em outra, como é o caso de *ethical underpants/caleçon éthique* em relação a *cueca ética*. Em *ethical underpants/caleçon éthique* a ligação seletiva busca no quale agentivo a interpretação adequada: cuecas que são produzidas com fibras eticamente produzidas, fribas em cujo processo de produção se respeita a natureza. Já para *cueca ética*

não temos uma interpretação regular porque o significado de tal expressão não depende “exclusivamente” de elementos linguísticos, depende antes de conhecimento de mundo. Trata-se de uma interpretação pragmática, que é acessada por quem conheceu (ou passa a conhecer) um dos vários escândalos políticos brasileiros em que homens foram detidos por portarem elevados valores, em dinheiro vivo(!), dentro da cueca. Assim sendo, *cueca ética*, aqui no Brasil, não tem relação à forma de produção com respeito à natureza, mas sim tem relação com o respeito às finanças públicas, pois é uma cueca onde não se carrega dinheiro de origem e/ou para fins ilícitos.

Considerações finais

De acordo com a análise aqui realizada, percebemos que o *Léxico Gerativo*, além de dar conta da polissemia lógica, também pode dar conta de alguns casos de metáforas, mais especificamente daquelas em que uma característica própria de seres animados é atribuída a uma entidade inanimada, pois, por meio do mecanismo da ligação seletiva, a adjetivação de seres animados vai buscar na estrutura de qualia do substantivo que denomina uma entidade inanimada a interpretação que possibilita boa formação semântica.

A metáfora, nos exemplos estudados, além de ser um processo cognitivo regular, como afirmam Lakoff & Johnson (1980, 2002), também se constitui em um processo lexical regular, como afirma Moura (2002).

Contudo, os exemplos aqui colocados em cena constituem uma amostra ainda muito pequena para se chegar a conclusões mais sistematizadas. Assim, continua claramente aberta a possibilidade para posteriores pesquisas. Especialmente para se verificar se há alguma relação de (inter)dependência entre a regularidade da estruturação de metáforas do tipo aqui estudado e o fato de elas serem comuns a mais de uma língua.

Referências

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

MORAVCSIK, Julius M. Aitia as Generative Factor in Aristotle's Philosophy. In: **Dialogue**, v. 14, p. 622-636, 1975.

MOURA, Heronides M. de M. Linguistic constraints on conceptual metaphor. In: **Révue de sémantique et pragmatique**. Orléans: Presses Universitaires d'Orléans, v. 12, 2002.

PUSTEJOVSKY, James. **The generative lexicon**. Cambridge: MIT, 1995.